

Rumo a uma nova terra*

Towards a new land

Laymert Garcia dos Santos

Professor titular no Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordenador do Laboratório de Cultura e Tecnologia em Rede, Instituto 21, em São Paulo, Brasil. Contato: laymert@uol.com.br

RESUMO:

Este ensaio trata da questão da desterritorialização como experiência radical efetuada pelo filósofo Gilles Deleuze e pelo psicanalista Félix Guattari. Através dos conceitos de Terra, território, desterritorialização, corpo sem órgãos, plano de imanência e geofilosofia, procura-se rastrear como essa experiência evolui ao longo do tempo e dos livros escritos: *O Anti-Édipo*, *Mil Platôs*, *O que é a filosofia?*.

Palavras-chave: desterritorialização, experiência radical, Gilles Deleuze, Félix Guattari.

ABSTRACT:

*The essay focus on the issue of deterritorialization as a radical experience lived by the philosopher Gilles Deleuze and the psycho-analyst Félix Guattari. Through the concepts of Earth, territory, deterritorialization, body without organs, plane of immanence and geophilosophy one searches to trace how such experience evolves in time through the books *Anti-Oedipus*, *A Thousand Plateaux* and *What is Philosophy?*.*

Keywords: deterritorialization, radical experience, Gilles Deleuze, Félix Guattari.

SANTOS, Laymert Garcia dos (2013). Rumo a uma nova terra. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 5, jan-abr, pp. 38-49.

Recebido em 01 de outubro de 2012. Confirmado para publicação em 05 de outubro de 2012.

* Escrito em francês, este texto foi publicado, pela primeira vez na revista de filosofia *au taut*, no dossiê dedicado a Gilles Deleuze, vol. 277, sob o título “Verso una nuova terra”, Milão, 1997, pp. 85-92. Tradução para o italiano de Graziella Berto.

Prestando homenagem a Gilles Deleuze, um curto e comovente texto de Bento Prado Jr. sugere ser possível encontrar a coerência, ou melhor, a consistência, da obra do filósofo, a partir de seu último escrito, “L’immanence: une vie”.

Refletindo sobre essas cinco páginas luminosas, observa o filósofo brasileiro, muitas coisas se esclareceram para mim, e não só no que toca os últimos escritos de Deleuze. É claro que ideias como a de ‘plano de imanência’, central em *O que é a filosofia?*, tornam-se então transparentes. Mas há muito mais do que isso: essas páginas finais parecem iluminar a **totalidade** da obra de Deleuze. E com essa luz nova, apaga-se a própria distinção escolar de categorias de escritos (textos historiográficos e textos especulativos, o abismo que parece separar a história da filosofia da própria filosofia) (Prado Jr., 1996: 78).

Tal sugestão evoca, sem querer, uma aproximação intensa da filosofia deleuziana com a *démarche* proustiana: como se se tratasse, desta vez, não da busca de um tempo perdido, e finalmente reencontrado, mas da busca da imanência de uma vida que se conclui por um encontro, ou melhor, pelo seu advento.

Se for verdade que a via filosófica de Deleuze consiste na busca da imanência de uma vida finalmente reencontrada, talvez possamos considerá-la como uma experimentação radical, cujo registro é constituído por seus próprios escritos. Experimentação radical, pois parece que se trataria, para ele, de fazer de sua vida a afirmação de uma vida que não seja de si. E aí residiria, em meu entender, o grande interesse e a força de sua obra.

Evidentemente, essa experimentação parece um tanto louca, e até mesmo utópica: “Minha vida sem mim”, dizia o poeta Armand Robin. Seria isso possível, sem tornar-se louco ou atormentado? E, sobretudo, como realizar tal façanha através do exercício do pensamento? Para tanto, não seria preciso começar por poder realmente se desfazer do “Eu penso”?

O conceito de *desterritorialização* surge, então, como que para designar uma operação-chave do processo no qual Deleuze se engaja, em busca da imanência. Entretanto, o filósofo não a imagina nem a reflete, mas sim a encontra – tanto social quanto psíquica, a desterritorialização, uma vez encontrada, devia ser captada, afirmada e assumida em toda a sua amplitude, inclusive no próprio ato de pensar. O risco que isso comportava, de se cair no buraco negro, era muito grande, e sem um companheiro de estrada que, à sua maneira, fizesse o mesmo movimento, sem a ressonância aportada pela presença de um amigo, talvez a experimentação radical estivesse votada ao aniquilamento. Desterritorializar a dois seria assim, talvez, uma maneira de poder vivê-la e pensá-la sem que o processo desembocasse num *breakdown*.¹

Com efeito, tudo se passa como se a aliança selada entre Deleuze e Guattari fosse necessária, a partir de um certo momento, para captar, afirmar, assumir e nomear a desterritorialização, mas também para descobrir sua positividade extraordinária, uma potência revolucionária que tiraria dela seu caráter sombrio e niilista, através do qual ela é frequentemente percebida e vivida. De certo modo, os dois tomos de *Capitalismo e esquizofrenia* são não só a formulação e a análise da desterritorialização social e psíquica que leva todos nós, mas sobretudo a dicção de uma espécie de exorcismo para criar o vazio e permitir aos autores engatar seu poder liberador. Assim, *O Anti-Édipo* aparece, por um lado, como a fantástica travessia trans-histórica das sociedades humanas, culminando na deterritorialização capitalista, aliás tão bem compreendida por Marx; e, por outro lado, como o desinvestimento

¹ É evidente que não se pode conceber a obra de Gilles Deleuze sem considerar o lugar que nela ocupam os textos escritos com Félix Guattari, assim como não se pode reduzi-la a essa colaboração, por mais produtiva que seja. Entretanto, no comentário que se segue, a atenção concentrou-se nos livros em que o filósofo e o psicanalista conduzem juntos a experiência da desterritorialização (excetuando-se *Kafka*).

do desejo de todos os avatares que o conduziram à sua configuração moderna, isto é, até que ele seja reconhecido/desconhecido por Freud e atado ao complexo de Édipo. *O Anti-Édipo* efetua, portanto, uma limpeza de terreno para que, em *Mil Platôs*, possa ocorrer a concretização de diversos estratos que Deleuze e Guattari começam a encontrar, no curso de sua experimentação, como espaços-tempos que eles atravessam e que têm um enorme poder de afecção e de sentido. Com efeito, nesse último livro, a desterritorialização não é mais tanto essa força que os põe às voltas com o corpo sem órgãos, mas o movimento vertiginoso que assegura a passagem de um plano ou platô a outro, e a visão de uma integração a ordenar séries de camadas simultâneas ou sucessivas, segundo regras que escapam ao poder da consciência. Aqui, a estratificação é concomitante e complementar à desterritorialização, tanto que não seria exagero pensar que o par desterritorialização-estratificação substitui o par desterritorialização-reterritorialização de *O Anti-Édipo*, dando lugar a uma liberação do pensamento, a uma proliferação criadora que evoca a fulguração e a exuberância dos processos de cristalização ou o magnífico desenho de Joseph Beuys, no qual se vê uma figura humana sobre o fundo de algo semelhante a um rochedo. Uma série de estratos parece “descer” do rochedo sobre seu corpo; mas, na verdade, olhando-os de uma certa distância, desprende-se uma impressão que nos faz acreditar tratar-se de uma integração homem-rochedo, de tal modo que eles se fundem e escoam sob os traços tornando visível o que está acontecendo.

Dir-se-ia que o próprio exercício do pensamento é levado pela experimentação da desterritorialização, e que é ela que permite aos platôs adquirir consistência. Pensar não seria então, para Deleuze e Guattari, uma atividade que se exerce *sobre* um processo de desterritorialização social e psíquica exterior ao próprio pensamento; pensar deve ser o devir

² Beuys, Joseph. Litografia sobre papel. Codice Madrid, 1074-75. Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

do pensamento submetido aos movimentos de desterritorialização e de tomada de consistência. Contrariando tais observações, é sempre possível retorquir que esses livros são trabalhados demais, sobrecarregados de erudição, e que seria portanto inusitado desterritorializar-se apoiando-se em tantos filósofos, poetas e escritores, artistas, cientistas; mas, na verdade, estes aparecem como precursores, nomes da História que eles encontram ou que visitam porque estes condensam ou concretizam intensidades já atingidas ao longo do processo de desterritorialização e de integração, consistências já adquiridas, planos e linhas já esboçados, itinerários já efetuados.

É interessante notar que o conceito de *plano de imanência* parece substituir o de *corpo sem órgãos*, à medida em que Deleuze e Guattari avançam em sua experimentação radical. Que se compare, por exemplo, *O Anti-Édipo* a *Mil Platôs*, e a *O que é a filosofia?*. No primeiro, o conceito de *corpo sem órgãos* é central e fundante; no segundo, pergunta-se: “O corpo sem órgãos e o plano de consistência são a mesma coisa?”; no terceiro, enfim, fala-se de plano de imanência. Não é o momento de nos determos para examinar as razões desse mudança, ou para rastrear os traços deixados nos textos. Entretanto, conviria talvez acolher a intuição que sugere prestar atenção na importância considerável que a metáfora geológica adquire; como se esta fosse necessária para dar conta do que se passa quando o movimento de desterritorialização deixa de ser caracterizado pela fabricação do vazio, fazendo Deleuze e Guattari atravessar um limiar, esquecer o *corpo sem órgãos* e ver surgir, no lugar dele, um movimento gerador de estratos que tomam consistência, inclusive como tecido de seu próprio pensamento.

É evidente que o recurso à metáfora geológica coloca de imediato a experimentação da desterritorialização numa relação muito singular com a terra. E tal relação parece se acentuar e tomar tamanhas proporções que acaba por conduzir a experimentação a seu ponto de chegada,

quando sobrevém um acontecimento muito discreto, a velhice, quando Deleuze e Guattari se perguntam:

Talvez só se possamos colocar a questão *O que é a filosofia?* tardiamente, quando a velhice chega, e a hora de falar concretamente. (...) Esta é uma questão que enfrentamos numa agitação discreta, à meia-noite, quando nada mais resta perguntar. Antigamente nós a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer filosofia, não nos perguntávamos o que ela era, salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido esse ponto de não-estilo em que se pode dizer enfim: mas o que é isso que fiz em toda minha vida? (Deleuze e Guattari, 1991: 7).

Tal afirmação, perturbadora em sua franqueza, intriga e leva a crer que a experimentação radical da desterritorialização conduziu Deleuze e Guattari a dizer “Eu” e “minha vida” de tal modo que não se pode atribuir os pronomes a um ou a outro, nem mesmo a um “nós” resultando de duas vozes, mas a uma espécie de voz apagada procedente de um *no man’s land*, a partir do qual eles poderão responder à pergunta que ocupou a vida deles inteira, e que agora aflora como pensamento. Quando chega a hora de falar concretamente, quando não há mais estilo, quando se está sóbrio e no entanto tomado pela questão, quando se fala a partir de um outro lugar... e se faz geofilosofia.

Seria aparentemente bizarro, para não dizer paradoxal, que os pensadores da desterritorialização acabassem fazendo geofilosofia, comesçassem a falar de terra, de território e de povo. Mas não nos enganemos, não acreditemos que se trata de uma regressão; com efeito, não há retorno à terra, nem formulação de uma nova utopia: através da criação de conceitos inéditos, há a apreensão da tomada de consistência do plano de imanência, e há uma nova terra em devir, que já nos faz e nos fará viver e pensar.

Os próprios Deleuze e Guattari nos dizem que Nietzsche é o fundador da geofilosofia, quando buscou determinar o caráter nacional das filosofias francesa, inglesa e alemã, quando a filosofia se reterritorializou sobre o Estado nacional e o espírito do povo. Porém, a geofilosofia deles parece se inscrever muito mais no devir do pensamento de Nietzsche, quando se cogita as palavras de Zaratustra:

O além-do-homem é o sentido da Terra. Que vosso querer diga: *seja* o além-do-homem o sentido da Terra! Eu vos conjuro, meus irmãos, **à Terra sede fiéis** (...) Outrora a blasfêmia a Deus foi a maior blasfêmia, mas Deus morreu, e com ele morreram também esses blasfemadores. Blasfemar a Terra é agora o mais terrível, e estimar mais elevadas as entranhas do insondável que o sentido da Terra! (Nietzsche, 1971: 22 [sublinhado por Nietzsche]).

Seria rumo a essa terra que a geofilosofia de Deleuze e Guattari parece se dirigir, e querer ver chegar; seria esse o sentido que eles buscariam destacar. A terra se encontra portanto adiante e não atrás de nós, ela foi perdida, desviamos dela e seria preciso reencontrá-la; porém... não cabe mais ao homem fazê-lo. O fim da transcendência, a fidelidade à Terra, o advento do além-do-homem, tudo isso parece reatar o pensamento de Nietzsche ao dos geofilósofos. E a Terra enquanto nova terra, enquanto Terra da qual o além-do-homem é o sentido, só podemos reencontrá-la através da experimentação radical da desterritorialização. Aliás, se a desterritorialização social e psíquica operada pelo capitalismo é violentamente criticada, é porque não vai suficientemente longe, não vai até o fim, e sempre tenta conjurar e adiar a descoberta de uma nova terra através de reterritorializações factícias. Assim, talvez fosse preciso aproximar a ideia de fim da transcendência à de plano de imanência, a ideia de fidelidade à Terra à de uma nova terra, e a ideia de advento do além-do-homem à de um povo por vir.

Cumpramos ainda observar que o pensamento de Deleuze e Guattari tende para a imanência, a nova terra e o povo por vir, e que o par

desterritorialização-consistência seja o seu vetor. Em *O Anti-Édipo*, por exemplo, há como que um lamentar-se um povo que falta, e a nova terra é apenas uma aspiração, algo que se encontraria para além da linha do horizonte. Em *Mil Platôs*, diante de uma máquina de guerra mundial recuperada pelos Estados e armada contra “o inimigo qualquer”, a própria terra já “faz valer suas próprias potências de desterritorialização, suas linhas de fuga, seus espaços lisos que vivem e que cavam seu caminho por uma nova terra” (Deleuze e Guattari, 1980: 527). Mas é efetivamente em *O que é a filosofia?* que a geofilosofia se desdobra, levando a bom termo à experimentação radical.

Com efeito, o capítulo sobre ela abre-se com uma afirmação peremptória, da qual todo o resto será o desenvolvimento: “Pensar se faz, sobretudo, na relação do território com a terra” (Deleuze e Guattari, 1991: 82). Pensar não é, portanto, uma relação entre sujeito e objeto, pensar é algo que se passa entre a terra e o território. Ora, entre os dois, se estabelece uma relação feita de dois movimentos: a desterritorialização, processo que vai do território à terra e que faz com que o primeiro se abra a um alhures; e a reterritorialização, processo que leva a terra a refazer território. Tal relação entre o território e a terra percorre todas as sociedades humanas: grupos linhageiros primitivos, Estados imperiais, cidades gregas, democracias do capitalismo ocidental, etc.; entretanto, essa relação não se efetiva nem da mesma maneira, nem de qualquer maneira, em cada uma dessas sociedades, ainda que, em cada caso, a desterritorialização seja sempre relativa. Como escrevem Deleuze e Guattari:

Física, psicológica ou social, a desterritorialização é **relativa** na medida em que concerne à relação histórica da terra com os territórios que nela se desenham ou se apagam, sua relação geológica com eras e catástrofes, sua relação astronômica com o cosmos e com o sistema estelar do qual faz parte. Mas, a desterritorialização é **absoluta** quando a terra entra no puro plano

de imanência de um pensamento-Ser, de um pensamento-Natureza com movimentos diagramáticos infinitos” (Idem: 85).

Portanto, pensar não se dá apenas numa relação do território com a terra; pensar se dá quando o movimento de desterritorialização do território à terra se torna absoluto, o que Deleuze e Guattari explicam dizendo: “Pensar consiste em estender um plano de imanência que absorve a terra (ou antes a ‘adsorve’)”. O que isto quer dizer? A ideia é desconcertante, quase inconcebível; pois, no limite, chega-se a conceber um plano que se deixa penetrar pela desterritorialização da terra para assimilá-la, mas não é disso que se trata; com efeito, o plano de imanência a “adsorve”, isto é leva o movimento ao infinito, muito mais do que se entrega a ele; e ainda: ao fazê-lo, o plano de imanência por sua vez se desterritorializa, isto é, libera uma potência da terra que deve se reterritorializar como a criação de uma nova terra por vir.

A “adsorção” através da qual o plano de imanência converte a desterritorialização relativa em absoluta, esse pensamento que vai se fazendo, pode seguir duas vias, em função da desterritorialização relativa que a informa ser, ela própria, de transcendência ou de imanência. No primeiro caso, dizem Deleuze e Guattari, pensa-se por projeção e por figura; no segundo, por conjugação e conexão, por reduplicação de imanência, pensa-se por conceito. “O conceito não é paradigmático, mas **sintagmático**; não é projetivo, mas **conectivo**; não é hierárquico, mas **vicinal**; não é referente, mas **consistente**” (Ibidem: 87 [sublinhado pelos autores]).

É isso, a invenção da filosofia: o encontro da desterritorialização relativa imanente do meio social grego com a desterritorialização absoluta do plano de imanência do pensamento. A filosofia é uma geopolítica porque esse encontro contingente, esse acontecimento, teve lugar num espaço geográfico preciso, um espaço físico, humano e mental, a Grécia. E se a filosofia sobreviveu à Grécia, é porque uma nova contingência

fez nascer o capitalismo, que arrastou a Europa e todo o Ocidente numa desterritorialização relativa que também procede por imanência. No mundo moderno da filosofia habita, portanto, uma geofilosofia: há as filosofias francesa, inglesa, alemã... É que, como escrevem Deleuze e Guattari, através da filosofia, uma potência da terra se reterritorializa sobre o conceito e, mais ainda, se reterritorializa três vezes: uma vez no passado sobre os Gregos, uma vez no presente sobre o Estado democrático, uma vez no futuro sobre o novo povo e a nova terra.

Vejamos, então, o que acontece quando se considera o conceito como um território. Desde que a filosofia moderna se volta para a Grécia como forma de seu próprio passado, um problema se coloca, pois, depois de Hölderlin, sabe-se que os Gregos possuíam o plano de imanência mas deviam buscar com que conceitos preenchê-lo, enquanto nós temos os conceitos mas nos faz falta um verdadeiro plano: “Nós nos reterritorializamos entre os Gregos, mas em função do que eles não tinham ou não eram ainda, de modo que nós os reterritorializamos sobre nós mesmos” (Ibidem: 98). O mínimo que se pode dizer é, então, que tal reterritorialização é problemática, fonte de contrasenso. O Estado nacional e o espírito do povo, preconizados inicialmente pela Europa e depois por todo o Ocidente, constituem o território conceitual do presente; mas, uma vez mais, a reterritorialização não é exitosa: pois, na forma atual, temos os conceitos, mas sua posse não parece coincidir com a revolução, o Estado democrático e os direitos humanos, em seus desenvolvimentos mais para sinistros: a europeização, dizem Deleuze e Guattari, não constitui um devir, constitui apenas a história do capitalismo (Ibidem: 104). Ora, a reterritorialização da filosofia não pode se fazer sobre o modo de existência do capitalismo; muito pelo contrário: “A filosofia leva ao absoluto a desterritorialização relativa do capital, ela o faz passar sobre o plano de imanência como movimento do infinito enquanto limite interior, *voltando-o contra si, para chamá-lo a*

uma nova terra, a um novo povo” (Ibidem: 95 [sublinhado pelos autores]). O filósofo descobre, então, que não só lhe falta um verdadeiro plano de imanência como, além disso, que esse povo e essa terra exigidos pela filosofia não serão encontrados nas democracias ocidentais. Impedida de se reterritorializar no passado sobre os Gregos, e desviando-se no presente de um Estado democrático que a envergonha, a filosofia busca sua forma futura de reterritorialização: “A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda” (Ibidem: 104).

Uma potência da terra se reterritorializa no conceito em sua forma por vir. Isso significa, portanto, que o filósofo não deve se voltar para o passado para ali buscar o plano de imanência, nem para o presente para ali encontrar os conceitos. Ele deve esvaziar-se até o ponto de poder acolher a potência de toda sorte de desterritorializações relativas imanentes, venham de onde vierem, sejam elas humanas ou inumanas, sociais, psíquicas, modernas, arcaicas, artísticas, tecnológicas e até mesmo filosóficas; no curso de sua experimentação radical, o filósofo deve se desterritorializar até tornar-se esse puro plano de imanência estendido para as desterritorializações relativas imanentes para levá-las ao infinito. É nesse movimento de abertura que o próprio plano vai tomar consistência e que vai ocorrer a criação de conceitos novos, enquanto territórios que invocam uma terra e um povo por vir.

A imanência tão buscada é assim reencontrada no devir, como imanência em vias de devir. Deleuze e Guattari parecem então se dar conta de que o que fizeram a vida toda, o que fizeram de suas vidas foi o exercício dessa abertura, dessa liberação através da qual a imanência de uma vida toma consistência. Os geofilósofos descobrem que, desde sempre, estão “adsorvendo” as desterritorializações relativas imanentes que os atravessavam e convertendo-as em territórios conceituais que são o sentido de uma terra por vir, ou melhor, o

sentido da Terra em seu devir. Pois o meio geográfico de onde partem todas essas desterritorializações relativas imanentes parece ser o mundo inteiro, o mundo da globalização do capitalismo, com a sua *world class* triunfante, mas também e sobretudo seus assujeitados, seus excluídos, seus condenados, seus bastardos, suas raças oprimidas. E se é para eles que Deleuze e Guattari fazem geofilosofia, é precisamente porque o capitalismo os impede de devir. Mas não têm a veleidade de querer liberar os loucos, os imigrantes, os índios, as minorias de todo tipo; por se liberarem, eles próprios, graças à sua potência de desterritorialização, querem por sua vez aportar um pensamento potente que contribua para que eles se tornem outra coisa que zumbis ou escravos, prisioneiros do passado ou do presente; numa palavra: querem que eles também tenham a chance de fazer a experimentação radical que é a deles.

O devir é sempre duplo, escrevem Deleuze e Guattari, e é este duplo devir que constitui o povo por vir e a nova terra. O filósofo deve tornar-se não-filósofo, para que a não-filosofia se torne a terra e o povo da filosofia. (...) O povo é interior ao pensador, porque é um “devir-povo”, na medida em que o pensador é interior ao povo, como devir não menos ilimitado. O artista ou o filósofo são bem incapazes de criar um povo, só podem invocá-lo, com todas as suas forças. Um povo só pode ser criado em sofrimentos abomináveis, e tampouco pode cuidar de arte ou de filosofia. Mas os livros de filosofia e as obras de arte contêm também sua soma inimaginável de sofrimento que faz pressentir o advento de um povo” (Ibidem: 105).

Bibliografia

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix (1980). *Mille plateaux*. Paris: Minuit.
_____. (1991). *Qu'est-ce que la philosophie?*. Paris: Minuit.
NIETZSCHE, Friederich (1971). *Ainsi parlait Zarathoustra*. Tradução de M. de Gandillac. Paris: Gallimard.
PRADO JR., Bento (1996). “A generosidade do pensamento”. In: PELBART, Peter Pál, ROLNIK, Suely (eds.). *Cadernos de subjetividade*. Número especial sobre Gilles Deleuze. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.